

ENCONTRO-ME MAIS UMA VEZ SOBRE AS ONDAS¹

Encontro-me mais uma vez sobre as ondas, uma vez mais!
E erguem-se debaixo de mim as vagas como um corcel
que conhece o cavaleiro. Que o seu bramido seja bem-vindo!
Ah, que me guiem depressa, para qualquer lugar!
embora o mastro estremeça e se incline como um canavial
e as velas despedaçadas voem impelidas pelos ventos,
não posso deixar de prosseguir — porque sou uma alga
arrancada das rochas que voga sobre a espuma do Oceano
para onde a arrastam as ondas e a respiração da tempestade.

.....

Depois dos meus dias de paixão, alegria ou dor,
talvez perdessem a minha alma e a minha harpa uma corda
e delas viesse um áspero som; pode ser que inutilmente
procure cantar uma vez mais como outrora cantei;
embora sejam tristes acordes, permanecer-lhes-ei fiel
desde que me arranquem a este penoso sonho
de um sofrimento e alegria egoístas, arremessando
o esquecimento à minha volta: e este tema
embora aos outros o não seja, tornar-se-á grato para mim.

Aquele que envelheceu neste mundo de provações
com trabalhos, não com os anos, e ao mais íntimo da vida
desceu para que nada o surpreenda, e a quem o amor,
o desgosto, o renome, a ambição e as rivalidades
não vêm despedaçar o coração com o punhal acerado
duma silenciosa e viva dor — poderá dizer
por que o pensamento busca refúgio em antros solitários,
mas cheios de aéreas imagens, de antigas formas
sempre intactas, no refúgio assombrado da alma.

É para criar e, ao criarmos, viver
uma existência mais intensa, que às nossas visões
entregamos uma forma, recebendo ao doá-la
a vida que imaginamos, tal como o faço agora.

What am I? Nothing: but not so art thou,
Soul of my thought! with whom I traverse earth,
Invisible but gazing, as I glow
Mixed with thy spirit, blended with thy birth,
And feeling still with thee in my crushed feelings' dearth.

Yet must I think less wildly:—I *have* thought
Too long and darkly, till my brain became
In its own eddy boiling and o'erwrought,
A whirling gulf of phantasy and flame:
And thus, untaught in youth my heart to tame,
My springs of life were poisoned. 'Tis too late!
Yet am I changed; though still enough the same
In strength to bear what time can not abate,
And feed on bitter fruits without accusing Fate.

Que sou eu? Nada! Todavia és diferente, tu, alma
do meu pensamento, com quem atravesso a terra
— invisível, mas vigilante —, enquanto me confundo
na luz do teu espírito, partilhando a tua origem
e sentindo as mesmas emoções vazias e perturbadas.

Ah, preciso de aplacar a minha loucura... Longamente
me detive em sombrios pensamentos, e o meu cérebro,
com o seu próprio redemoinho tão febril e exausto,
transformou-se num abismo de imaginação e chamas:
assim não tendo na juventude aprendido a vencer o coração,
ficaram as minhas fontes de vida envenenadas...
Ah, como é tarde! Embora me tenha transformado, sou ainda
o mesmo para aceitar a dor de tudo o que o tempo não apaga
e alimentar-me de frutos amargos, sem acusar o Destino.

All heaven and earth are still—though not in sleep,
But breathless, as we grow when feeling most;
And silent, as we stand in thoughts too deep:—
All heaven and earth are still: from the high host
Of stars, to the lulled lake and mountain-coast,
All is centered in a life intense,
Where not a beam, nor air, nor leaf is lost,
But hath a part of being, and a sense
Of that which is of all Creator and defence.

Then stirs the feeling infinite, so felt
In solitude, where we are least alone;
A truth, which through our being then doth melt,
And purifies from self: it is a tone,
The soul and source of music, which makes known
Eternal harmony, and sheds a charm,
Like to the fabled Cytherea's zone,
Binding all things with beauty;—'twould disarm
The spectre Death, had he substantial power to harm.

Nor vainly did the early Persian make
His altar the high places and the peak
Of earth-organizing mountains, and thus take
A fit and unwalled temple, there to seek
The Spirit, in whose honour shrines are weak,
Upreared of human hands. Come, and compare
Columns and idol-dwellings, Goth or Greek,
With Nature's realms of worship, earth and air,
Nor fix on fond abodes to circumscribe thy prayer!

The sky is changed!—and such a change! O night,
And storm, and darkness, ye are wondrous strong,
Yet lovely in your strength, as is the light
Of a dark eye in woman! Far along,
From peak to peak, the rattling crags among,
Leaps the live thunder! Not from one lone cloud,

A TEMPESTADE²

Estão calmos o céu e a terra — mas não adormecidos:
sem ânimo, como nós sob o efeito das grandes paixões,
e silenciosos como se mergulhássemos em profundos pensamentos.
Estão calmos o céu e a terra; desde as altas hostes
de estrelas ao lago tranquilo e às margens montanhosas,
tudo se concentra numa vida intensa
onde nem uma folha, uma brisa, um reflexo se perdem,
pois todos são uma parte do ser e um sentimento
daquele que de tudo é Criador e defesa.

Agita-se assim a emoção do infinito, sentida
neste abandono em que o homem está menos sozinho;
a verdade que em todo o nosso ser se funde
e nos purifica de nós mesmos é um acorde,
alma e fonte da música que nos ensina
a eterna harmonia, derramando um encantamento
lendário, como a cintura de Vénus,
que reúne tudo pela beleza, e desafiaria
a Morte, se tivesse o verdadeiro poder de destruir.

Não foi sem razão que os antigos Persas edificaram
as aras nos mais elevados lugares, no cume
das montanhas que contemplam a terra, e assim escolhem
um templo verdadeiro e sem muros, onde encontram
o Espírito para quem tão pequeno é o valor dos santuários
erguidos pelas nossas mãos. Vinde então comparar
colunas e altares de ídolos, góticos ou gregos,
com os lugares sagrados da Natureza, a terra e o ar,
e não vos confineis a templos que limitam as vossas preces.

O céu mudou-se — e que transformação! Oh noite,
tempestade, trevas, sois surpreendentemente fortes,
embora sedutoras no vosso poderio, como o brilho
dos olhos sombrios duma mulher! Ao longe,
de monte em monte, entre os ecos dos rochedos
o trovão vibra. Não é duma única nuvem que vem,